

ENTREVISTA

AZAWAD, MALI ? QUAIS RAÍZES E QUAIS EVOLUÇÕES ?

PIERRE BOILLEY

Entrevista
Célia Maria Antonacci Ramos*
Maria Antonieta Martinez Antonacci**

Tradução
Célia Maria Antonacci Ramos

Em janeiro deste ano, fomos surpreendidos por ecos do MNLA (Movimento Nacional de Libertação de Azawad), que, em revolução armada, reivindica a separação da região de Azawad, no norte do Mali, um dos países da África que no momento apresentava uma estabilidade política e um desenvolvimento social estável. Com vistas a nos aproximarmos desses acontecimentos a partir de um pesquisador que esteve quatro anos entre os rebeldes, conversamos com Pierre Boilley.

Pierre Boilley é historiador especialista em África Contemporânea, mestre de conferência na Université Paris I, Panthéon-Sorbonne, pesquisador do CNRS (*Centre National de la Recherche Scientifique*) e diretor do CEMAf (Centro de Estudos do Mundo Africano), em Paris. Desde 1979 realiza pesquisas na África, sendo que nos anos 1990 atravessou o deserto do Sahara

acompanhado de tuaregue Kel Adagh, da região de Azawad, em estudo sobre a vida e a cultura desses povos. A pesquisa apresentada como tese de doutoramento, em 1994, está publicada sob o título « *Les Touaregs Kel Adagh. Dépendances et révoltes : du Soudan français au Mali contemporain* », Paris, Karthala, coll. Hommes et Sociétés, 1999. Entre inúmeras publicações, recentemente publicou *Géopolitique africaine et rébellions touarègues, Approches locales, approches Globales (1960-2011)*. L'Année du Maghreb 2011, VII, pp 151-162.

ENTREVISTADORAS: *Desde janeiro de 2012, presenciamos a reativação secessionista do território saariano do Mali. O grupo em questão são povos Tuaregue. Como neste conflito retornam questões de fronteiras no continente africano?*

PIERRE BOILLEY: Nós não podemos falar de reativação do secessionismo Tuaregue, porque as rebeliões que existiram antes, em 1963-64 e 1990-96, e as que se seguiram em 2006, etc., nunca reivindicaram a independência claramente e, até mesmo, às vezes, como a de 1990, não era de todo uma questão de independência, mas de melhor integração do Estado maliense. Esta é a primeira rebelião que fala abertamente de independência. Além disso, essa não concerne exclusivamente aos Tuaregue, mas também outras populações, e o território reivindicado, o Azawad, é sempre anunciado como um território que abriga povos Tuaregue, Mouros, Songhai, Peul e Bozo. No entanto, é verdade que os Tuaregue são majoritários nessa rebelião, mas atenção, nem todos Tuaregue, mas principalmente os da região de Kidal. Os Tuaregue da região de Tombouctou ou de Ménaka não estão muito representados; em todo caso, os Tuaregue que atualmente dominam o MNLA (Movimento Nacional para a Libertação de Azawad) são na maioria pessoas da região de Kidal, assim como aqueles que fazem parte do movimento salafista, que é chamado de Ansar Dine.

Como nesse conflito retornam as tensões de fronteiras em África? Na realidade, nós não estamos num problema de fronteiras, nós estamos num problema de secessionismo no interior do Mali. No momento, as fronteiras externas do Mali, que são originárias da colonização, não estão absolutamente postas em causa. Assim, esse é o mesmo problema do Sul do Sudão, refere-se à criação de uma nova fronteira, que não existia, entre o Norte e o Sul do Mali. Mas as fronteiras

externas do Mali, não estão questionadas. A intangibilidade das fronteiras herdadas da colonização é respeitada, mas não a do território em si. Então, se tivesse sido dito pela UA (União Africana), que havia uma intangibilidade dos territórios, haveria sim, um problema grave.

ENTREVISTADORAS: *Quais são as relações deste conflito na região do Mali com as recentes tensões em outras regiões da África? Exemplo: Líbia, Argélia e, mais recentemente, Guiné Bissau ?*

PIERRE BOILLEY: Com a Líbia há uma relação clara, que não é política. A revolução Líbia estava relacionada, em parte, com a revolução Egípcia, Tunisiana, etc.. Mas esse movimento não fez realmente eco ao que aconteceu no norte do Mali. Na prática, eu diria que se houvesse uma influência, uma afiliação, isso seria mais o que aconteceu no Sul do Sudão e que poderia ter dado ideias para as pessoas, no norte do Mali, buscarem uma partição. Mas, em revanche, o que pesou muito nesse caso foi que no fim da revolução Líbia, a maneira como ela aconteceu, com a abertura dos arsenais de armas de guerra recuperados pela população da Líbia, mas também dos Tuaregue, que estavam lutando na Líbia, possibilitou ocasiões extraordinárias. Assim, os Tuaregue do Mali e da Nigéria se armaram fortemente e, quando retornaram ao Níger e ao Mali, eles possuíam armas extremamente pesadas, dos órgãos de Stalin, etc. No Níger, eles foram parados na fronteira e foram desarmados, enquanto no Mali, Amadou Toumani Touré, Presidente do Mali, creio eu, não jogou as coisas corretamente, isso é, de fato, ele acolheu os Tuaregue, de braços abertos, o que foi muito bom, mas ele não os desarmou, simplesmente os confinou. E, como o MNLA já tinha pretensões anteriores de independência, evidentemente, essa foi uma forma de criar um braço militar, que permitiu a conquista de território no norte do Mali. Então, lá, a ligação é efetiva.

Com a Argélia não há conexão real, exceto por meio de movimentos internos, como, por exemplo, o Congresso Mundial de Amazigh, quando os Berber do Norte da Argélia reconheceram o MNLA e a independência de Azawad. Entretanto, eles não constituem um Estado. Esse reconhecimento não permite Azawad entrar na ONU. No entanto, há uma ligação que existe entre os Tuaregue argelinos e os Berber do Norte, que certamente não agrada à Argélia.

Então, podemos perguntar qual será a reação da Argélia? Por enquanto, permanece muito opaca.

Com a Guiné-Bissau, o que pode realmente fazer uma conexão, é, talvez, o contágio dos golpes de Estado, já que lá houve um também. A rebelião no norte do Mali foi, em parte, uma das razões para o golpe militar no Mali, que também pode ter dado ideias para o golpe de Estado na Guiné-Bissau, mas há um outro relacionamento importante. A Guiné Bissau é também um ponto de partida para as drogas provenientes de América do Sul e, por isso, esse é um elemento muito importante do problema, porque lá também, o Mali não tem feito muita coisa. Pelo menos desde 2007/08, o Mali se perdeu nas redes de drogas extremamente importantes, que estão provocando muitas mudanças em termos financeiros, operando nas redes de contrabando, e, por conseguinte, pode-se imaginar que, realmente, isso estimula o financiamento da rebelião e, até mesmo, os confrontos que existem dentro da rebelião. Isso contribui, certamente, a um golpe de Estado, porque um número de oficiais superiores do exército do Mali está envolvido com o tráfico e não intervém no problema, obviamente, numa lógica, eles se enriquecem, o que pode irritar profundamente uma série de soldados da armada.

ENTREVISTADORAS: *O senhor se referiu ao presidente Amadou Toumani Touré (ATT). O Mali, até janeiro deste ano, era um exemplo de democracia em África. Seus presidentes legalmente eleitos deixavam o poder no final do mandato. Por que não houve resistência da parte de ATT?*

PIERRE BOILLEY: Até janeiro passado, o Mali deu uma imagem de verdadeira democracia, porque efetivamente havia alternância e liberdade de expressão. Mas era uma democracia de consenso. ATT, depois que foi eleito, de seu primeiro mandato até o segundo, sempre privilegiou o consenso ao conflito. Era uma filosofia. Isso fazia com que ele não tivesse um partido pessoal. Ele reunia, ao seu redor, pessoas de quase todos os partidos. Então, não havia oposição e nem mesmo proposições. Assim, ATT, por vezes, governava de certa forma imóvel e, é verdade, que a democracia no Mali, nos últimos anos, vinha sendo criticada por eles mesmo e pela opinião pública internacional, porque era uma democracia que não erradicava a corrupção e que não erradicava tampouco a participação das classes altas – os militares, os políticos

locais e os traficantes de drogas, etc. Você vê, não foi uma grande democracia. Então, por que ATT não resistiu à rebelião? Na verdade, ele resistiu à rebelião. A armada maliense, desde 17 de janeiro, quando houve o ataque de Ménaka, resistiu a fundo e seu exército conseguiu se manter, por muitos dias, nos campos fortificados de Kidal, Tessalit, Aguelhok, etc.. O exército do Mali lutou, mas não estava em território muito conhecido, porque os que compõem o exército são majoritariamente pessoas do Sul. Além disso, os soldados sabiam bem que o seu alto comando permanecia em Bamako, no conforto das vilas chamadas de "cocaína villas". De modo que havia um sentimento de injustiça para lutar no deserto sendo controlados por pessoas que ficam em Bamako, no conforto que ganharam no contrabando.

Quanto a ATT, nesse contexto, é difícil dizer se mergulhou ou não no tráfico, mas pelo menos enquanto chefe de Estado não podia ignorar, ele simplesmente deixou passar. Acredita-se, também, que houve algum tipo de acordo, informalmente, de qualquer maneira, com Aqmi (Al-Qaeda no Magrebe Ismamismo), porque Aqmi não fazia o negócio, não pegava as drogas, a não ser uma vez, no solo do Mali, em revanche para que o exército não o atacasse. Sabemos que o exército passou uma vez muito perto do campo de Aqmi. As pessoas telefonavam, pedíamos atenção e, depois, não houve afrontamento, não houve uma bala sequer disparada. Assim, entre fechar os olhos ao tráfico de drogas e ignorar Aqmi, o Mali não lutou, absolutamente.

No entanto, desde que o MNLA pegou nas armas, o Mali enviou todo o seu exército. "Ce qui faisait sourire jaune", porque quando o Mali disse que não queria atacar Aqmi porque não tinha um exército suficientemente equipado, pedindo auxílio, conseguiu muita ajuda dos americanos, da França, da Comunidade Europeia e de outros. Mas ele nunca fez nada. Entretanto, quando o MNLA levantou um pequeno dedo, então, ele enviou todo o exército. Aí, há dois pontos, duas situações. Porque ATT era demasiado permissivo, eu acho que ... Na verdade, eu não sei nada, ele poderia ter impugnado Aqmi, mas sua percepção da presença de Aqmi foi: se não o atacamos, teremos menos problemas. Também com a droga é um pouco mais complicado, porque desde que havia muitas pessoas envolvidas, seria criar verdadeiros problemas nas esferas dos altos escalões do Estado. Então, ATT deixou passar, e a situação,

que nós agora conhecemos bem, é dramática! Sim, o presidente interino Dioncounda Traoré veio a Paris para se tratar, pois foi agredido no rosto por manifestantes, isso é mesmo extraordinário.

ENTREVISTADORAS: *Como o senhor considera estes conflitos numa perspectiva africana, enquanto questões extra-ocidentais, no equilíbrio entre tradição e princípios morais africanos face às políticas do Estado-nação? Ou seja, direitos do homem e direitos dos povos. Estamos face a fronteiras geopolíticas e culturais ambíguas?*

PIERRE BOILLEY: Equilíbrio entre as tradições africanas e os princípios morais face às políticas do Estado-nação ... se a gente fala sobre o conflito no norte do Mali, o governo do Mali não se opôs nesses últimos anos às “tradições locais”. Nos anos de 1960, lá sim, houve de fato uma vontade de destruir as autoridades tradicionais, mas nesses últimos anos, o governo do Mali não se opôs à existência de líderes tradicionais e até mesmo, em parte, ele os reforçou com a descentralização. Aliás, essa foi uma questão de um estatuto particular que foi assinado no Pacto Nacional, em 1992. Portanto, não podemos dizer que havia um problema entre o reconhecimento das tradições políticas e as realidades do Estado-nação importadas do Ocidente.

Quanto aos princípios morais africanos, também é um pouco complicado de responder, porque os princípios morais ainda estão lá; agora, se eles são aplicados ou não? Será que Ansar Dine é um princípio moral africano? Você vê, pode-se perguntar. Ao mesmo tempo, Ansar Dine é muçulmano. O Islã que é reivindicado é salafista, que não é de origem Africana. Além disso, a gente vê que as populações reagem de maneira extremamente violenta contra e, por enquanto, eu penso que impor a sharia no Norte do Mali, como no Sul impor um salafismo rigoroso, não funciona muito bem e todo mundo reage contra. Recentemente, nas últimas semanas, e até mesmo nos últimos dias, têm havido manifestações de jovens, mulheres, etc., contra a imposição de um Islã rigoroso. Portanto, não começou bem, mas eu acho que tem muita conexão.

Agora, se falarmos de direitos dos povos, é interessante porque é justamente reivindicado pelo MNLA, que diz: "somos um povo, por isso nós temos o direito de buscar a autodeterminação." Então, o problema é, o que espero pessoalmente, haver uma definição da palavra "povo"! Porque o povo do Mali é um conglomerado de povos, culturas e línguas diferentes, que agora tem um

sentimento nacional, que tem limites, pois justamente a metade do país não quer fazer parte deste Estado-nação. Esta metade do país será que se considera “povo”? Os Tuaregue da região de Kidal certamente se sentem “povo”, apesar de todas as divisões internas que conhecem, mas não é certo que os Songhai ou os Árabes consideram-se o mesmo povo.

Então, nós podemos discutir por muito tempo... e ainda seria preciso definir o que significa um “povo”. Um povo, teoricamente, é uma população que faz parte de um Estado-nação ... o Estado-nação é uma palavra para dizer que o Estado se impõe a uma população para que essa se torne uma nação, é sempre o Estado que impõe de cima o sentimento nacional, se funciona ou não... Pode haver também fatores externos, como na França, por exemplo, onde a coalizão de monarquistas contra a Revolução Francesa, por exemplo, quando houve a coalizão dos países monarquistas contra a revolução, certamente fez surgir esse sentimento nacional.

Agora, o Azawad, que é composto de pessoas de diferentes culturas, que se sentem de diferentes culturas ..., suponhamos que haja uma intervenção de CEDAO (Comunidade Econômica de Desenvolvimento da África Ocidental), e que de repente, todas essas pessoas sejam atacadas ao mesmo tempo, então, talvez, se sentirão um povo! É muito ambíguo, de fato. A ambiguidade, mais que as fronteiras geopolíticas e culturais, vem de ações que podem ser a favor ou contra esses povos.

ENTREVISTADORAS: *Hoje, o Mali está em situação de conflito. Qual é a relação de grupos Tuaregue do MNLA, secessionista e, inicialmente, secular, e os islâmicos Ansar Dine e seu aliado jihadista, o Aqmi (Al-Qaeda no Magrebe Islâmico). Como eles podem se entender sob a sharia?*

PIERRE BOILLEY: Eu parcialmente já respondi, mas o que é preciso dizer para esclarecer é que o MNLA é, majoritariamente, Tuaregue, mas não exclusivamente. O Ansar Dine é composto de salafistas jihadistas, mas eles não são terroristas. Então, existem nuances que são importantes. Ansar Dine é principalmente composto de povos Tuaregue também. Então, as relações que existem são relações de princípios táticos, isto é, quando houve a guerra contra o exército do Mali, para tomar posição sobre todo o território, vimos que Ansar Dine se posicionou ao lado do MNLA; depois, o MNLA, tendo problemas de

abastecimento, procurou nesses últimos dias se aproximar de Ansar Dine; e um acordo deveria ser assinado. Mas um grande número de militantes do MNLA, Tuaregue ou não, os chefes tradicionais, os líderes religiosos, as mulheres, etc., recusaram esse acordo. Esse último falhou, sendo que já vimos os primeiros afrontamentos. Se vão continuar ou não, não sei, mas em todo caso, manifestadamente, alguns são laicos, outros são rigorosamente muçulmanos; há claramente algo que não funciona entre eles e não pode funcionar, porque não estão realmente no mesmo projeto.

ENTREVISTADORAS: *Temos lido na imprensa discussões referentes às tensões no Mali a partir de confrontos globais. Em particular, a França e os EUA disputam a exploração de recursos do subsolo, que ainda não são explorados na região. Qual sua opinião sobre este assunto? O que o senhor pensa?*

PIERRE BOILLEY: Eu sei que há esperanças de riquezas minerais e energia no subsolo do Norte de Mali, sabemos que o Mali do Norte faz parte de uma grande bacia sedimentar que se estende do sul da Argélia para margens até o mar Mauritano e aos rios da Mauritânia. O problema é que não sabemos onde se encontra o petróleo nessa região. Houve vários poços que foram feitos, mas nunca encontraram petróleo. Assim, certamente, existem sonhos, talvez haja também urânio, mas por enquanto, não sabemos nada. Em todo caso, mais do que uma exploração, atualmente há simplesmente uma pesquisa.

Por enquanto, a pesquisa de diversas riquezas do subsolo está interrompida por todos esses eventos e, até mesmo, o único momento em que essas poderiam ser feitas foi quando a rebelião de 1990 terminou. Mas houve outras pequenas rebeliões e, digamos, mais ou menos entre 1996 e 2006 houve um período em que era possível, mas depois, a partir de 2006, houve novamente rebeliões, como em 2007. Essa foi a do GSPC (Groupe Salafista para Pregar o Combate)¹, e os Aqmi chegaram e foi bem mais complicado... Então, certamente a França e os Estados Unidos observam esse terreno, mas não só a França e os Estados Unidos, existem também outros países europeus, há os chineses, argelinos, etc. Especialmente os argelinos, que gostariam de poder explorar esses minérios, se por acaso forem encontrados, por que se fizerem poços de petróleo nessa região, não vão furar seu próprio território. Portanto, há interesses que são também importantes do lado da Argélia. O problema é

que fica difícil saber exatamente o que está acontecendo nesse momento, já que não há nada de concreto.

Eu penso que essa questão está nas cabeças, mas não é uma das razões mais importante para todos os problemas atuais. Neste momento, os problemas de controle geopolítico do território, do terrorismo islâmico, etc. são, em minha opinião, mais importantes do que o dos recursos. Esse não é o mesmo caso no Níger, que sabemos ser mais importante.

ENTREVISTADORAS: *O MNLA (Movimento Nacional para a Libertação da Azawad) e o islamita Ansar Dine tomaram Tombouctou, um ícone cultural que mantém os tesouros culturais da região do Mali. Desde a formação do Estado do Mali, Tombouctou passou a representar um símbolo do Mali. Como será a divisão do Mali em dois Estados e o sul sem Tombouctou? Qual o futuro para o Mali?*

PIERRE BOILLEY: Isso depende de como a gente se coloca. Eu, pessoalmente, conheço o Mali há quase trinta e cinco anos. Na verdade, em mim há um sentimento um pouco difícil de imaginar que esse país, que eu sempre amei, se encontre cortado em dois. Entendo, de alguma forma, os malienses do Sul, que não conseguem imaginar seu país dividido em dois, e também entendo o governo do Mali que, por sua constituição, não aceita que exista uma partição. Mais ou menos como na França, não podemos aceitar que os corsos se tornem independente, nem os bretões... Há uma lógica.

Agora, também conheci muita gente do Norte e lá, presenciei situações de marginalização; apesar de tudo, houve progressos significativos de integração após a rebelião de 1990. A partir dos anos de 1996 houve muita gente que foi integrada no exército e outras que foram capazes de também se integrar nos órgãos do poder Estatal, mas nem uma única estrada foi construída em Gao, nenhuma infraestrutura, não há desenvolvimento em termos econômicos. Assim, na realidade, as pessoa – como entendo –, sentiram que o Estado os havia abandonado e, conseqüentemente, houve em 1963/64 uma primeira rebelião, o que ocasionou anos de miséria de toda sorte e, depois, também, de vigilância policial extremamente forte. Eles fizeram a rebelião de 1990 para tentar maior integração, o que melhorou um pouco, mas não o suficiente. Ainda foram organizadas outras pequenas rebeliões, para recordar que não

havia dado certo a de 1990. Muitos acordos foram assinados, mas não funcionaram.

Finalmente, houve um programa de desenvolvimento estabelecido para o Norte, e a primeira ação foi a construção de quartéis! Você consegue imaginar, enquanto previam acordos para a desmilitarização da região, isso não foi muito apreciado, claro! Quando as pessoas estão lutando para encontrar trabalho e renda, e o governo começa pela construção de quartéis como desenvolvimento, isso não é o melhor sabor ... Eu posso compreender também que alguns, não recebendo o suficiente, disseram: “Bem, de qualquer maneira, agora a gente vai se rebelar para ir a fundo, se separar desse Estado que não está interessado em nós.” Assim, cortado ao meio, o Mali não me faz feliz, mas não sou maliense e são eles que decidem. As pessoas do Norte e do Sul, se podem chegar a uma verdadeira e eficaz partição, como o Sul do Sudão, onde possam, por exemplo, negociar, se entender para criar uma federação no seio do Mali, onde haverá o Mali-norte e o Mali-sul, por que não? Já aconteceu em outros lugares; agora, o Mali sem Tombouctou, depende do que você chama de Mali; se é o Mali-sul, efetivamente sem Tombouctou..., mas é a mesma coisa em relação a Segou e outras cidades de prestígio.

Tombouctou é uma cidade emblemática, mas emblemática de uma região que é considerada sahariana. A maioria dos malienses do Sul não conhece essas regiões do Sahara e, efetivamente, se Tombouctou era uma riqueza cultural e artística para todo o Mali, porque esse país esteve uma vez na região do Sahara, como de outras que não são saharianas, se ele se divide em dois, evidentemente Tombouctou vai pertencer à Azawad e ao país Dogon. Ségou e regiões do sul do Mali tornar-se-ão os tesouros culturais do sul do Mali. Para mim, esse não é o problema, não são verdadeiramente as cidades, são as pessoas, e isso é o mais importante.

Entre os malienses do Sul, é impossível saber, mas eu acho que não deve haver mais do que dez ou quinze por cento das pessoas que foram a Tombouctou, assim como oitenta por cento das pessoas jamais foram ao Norte. É preciso reconhecer o fato de que, há décadas, o Mali está cortado em dois. Há uma população que vem do Norte e que, gradualmente, desce ao Sul para encontrar empregos, etc.; e uma da região Sul, de onde vêm para se instalarem em Kidal,

para fazerem negócios nas regiões do Norte, que são ultraminoritárias, sendo que, até 1990, o Norte e o Sul não se conheciam. Muitas vezes, para fazer uma viagem, quando você estava em Kidal, não tinha nenhuma notícia de Bamako; e quando você chegava à Bamako, nada de notícias de Kidal; dois lugares completamente sem comunicação.

Acredito que o Estado do Mali estava fraco demais para conseguir essa integração, mesmo que sempre tivesse havido essa vontade, o que, em minha opinião, nem sempre foi o caso. Houve momentos em que a vontade era mesmo para manter a região e, depois, só foi isso. Já outros, especialmente durante a seca em 1970 e 1980, onde a solidariedade nacional não foi muito forte, vimos donativos da Comunidade Europeia serem vendidos nos mercados, embora fossem doações. Tanto que o jornalista Philippe de Kreun, do Le Monde, certamente exagerando um pouco, questionou, mostrando que isso poderia ir longe. Ele se perguntava se o Estado do Mali não estaria utilizando a seca para erradicar os nômades da seca, desviando a ajuda. Assim, os nômades morreriam tranquilamente em seu canto ... Creio que exagerou, pois não havia nenhum projeto bem definido. Entretanto, é certo que uma grande parte da ajuda dada, gratuitamente, ao Mali para alimentar os nômades, foi usada no Sul, a tal ponto que criou riquezas.

Agora falamos de cidades de cocaína e, naquela época, falava-se de cidades da seca. Houve cidades compradas com os lucros... mostrando que houve uma disputa entre o Norte e o Sul. Não haveria guerra entre um lugar e outro do país, se não houvesse uma forte controvérsia. Não se sabe o que vai acontecer, não é de todo claro em que isso vai se transformar, pode levar à divisão, mas atualmente ainda não existe.

ENTREVISTADORAS: *O Senhor gostaria de acrescentar mais algum comentário?*

PIERRE BOILLEY: Risos, sim, se eu continuo a acrescentar outras coisas, vamos passar a noite aqui. Há muita coisa a dizer sobre isso. Mas, uma coisa a acrescentar é que esta situação é complicada e precisa ser tratada com cuidado. Por um lado, nós não temos absolutamente levado em conta as raízes históricas desse problema. Se dissermos não importa o quê e colocarmos as pessoas em

compartimentos, é mais complicado. Não há nortistas vilões e sulistas honestos, como não há vilões sulistas ou nortistas salafistas vilões ao norte. Mesmo ao Norte, existem pessoas muito diferentes. Entre as pessoas simpatizantes do MNLA, e os próprios do MNLA, nem todos são iguais, os salafistas também não são iguais. Há uma diferença entre Ansar Dine e Aqmi. Os membros do Aqmi não são os mesmos no interior do grupo. Então, basicamente, se a gente quiser analisar com detalhes as coisas e se quisermos ter uma oportunidade de responder um pouco, de forma mais inteligente, pelo menos com alguns toques de realidade, acho que deveríamos evitar especialmente as imagens prontas, os estereótipos. Procuramos explicar as coisas com facilidade, mas aqui nós não estamos apenas em um conflito étnico. Esse conflito é extremamente complicado, cruzado, onde os Tuaregue não estão de acordo entre eles mesmos. Os sulistas, entre eles não estão de acordo, nem politicamente e nem culturalmente, isso concerne a todas as direções.

ENTREVISTADORAS: *Nós podemos dizer que esses conflitos acarretam migrações para a Europa?*

PIERRE BOILLEY: Especialmente. Podemos dizer, como conclusão, que devemos estar atentos aos civis, que são entre 250.000 ou 300.000, que foram embora para escapar dos conflitos e da seca, porque este ano foi ruim. Vamos ver o que promete o próximo, se vai ser melhorar, mas o ano passado não foi bom. Há pessoas que estão em campos de refugiados na Mauritânia, no Níger, em Burkina Faso e mesmo no sul do Mali, é muito dramático. Assim, não há só a guerra, há também problemas políticos, problemas de território, de religião e há também problemas de pessoas que devem sobreviver, devem ser protegidas, isso é importante dizer. Proponho como título:

Azawad, Mali ? Quais raízes e quais evoluções ?

NOTAS

* Célia Maria Antonacci Ramos é doutora em Comunicação e Semiótica, PUC/SP, e professora do PPGAV/CEART/UEDESC. Atualmente

realiza estágio de pós-doc no CEMAf, Paris, com bolsa CAPES, processo nº 1113-11-9. E-mail: celia.antonacci@udesc.br

** Maria Antonieta Antonacci é doutora em História pela USP e professora de Histórias e Culturas Africanas, na PUC/SP. Coordena o CECAFRO (Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora), na PUC/SP. E-mail: antonieta.antonacci@gmail.com

¹ O GSPC é uma organização islâmica da armada da Argélia.

Data de envio: 21/03/2012

Data do aceite: 20/04/2012